

A CONCEPÇÃO MARXISTA DE EDUCAÇÃO EM LEONTIEV

Edna Bertoldo ¹

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a concepção de educação em Leontiev, integrante da escola da psicologia soviética, que se encontra fundamentada em Marx. Tomando como fio condutor de sua investigação a categoria ontológica do trabalho, o autor defende a idéia, segundo a qual, o homem é o sujeito ativo no processo de apropriação e, para sobreviver, tem que encarnar e desenvolver em si mesmo as aptidões humanas formadas ao longo da história. Neste sentido, ele acentua que o processo de apropriação tem como característica principal a criação de novas aptidões e de novas funções psíquicas, reservando à educação uma importância fundamental. Contudo, o autor entende que o desenvolvimento pleno das capacidades humanas só poderia se efetivar numa sociedade emancipada e, para isto, é necessário que se dê a total dissolução do capitalismo.

Palavras-chave: Educação. Trabalho. Pedagogia marxiana.

MARXIST UNDERSTANDING OF EDUCATION IN LEONTIEV

Abstract

The objective of the paper is to analyze the concept of education according to Leontiev, a member of the school of Soviet psychology, which is based on Marx. Electing the ontological category of labor, as the ruling principle of his investigation, the author defends the idea that man is the active subject in the process of appropriation, and to survive has to incarnate and develop in himself the human skills produced throughout history. In this sense, it stresses that the appropriation process has, as its main characteristic, the creation of new skills and new mental functions, attributing ascribing to education, a role of fundamental importance. However, the author considers that the full development of human capabilities could only be accomplished in an emancipated society, what requires the total dissolution of capitalism.

Keywords: Education. Labor. Marxist pedagogy.

¹ Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Líder do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Ontologia Marxiana, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL. E-mail: edna_bertoldo@hotmail.com.

Introdução

Leontiev, psicólogo russo que nasceu em 1903 e faleceu em 1979, trabalhou com Vigotski e Luria. Com a sua obra *O desenvolvimento do psiquismo* (1978), fornece-nos elementos fundamentais e indispensáveis para a construção de uma pedagogia na perspectiva marxista. Na referida obra, o autor retoma a idéia originária de Vigotski acerca da natureza sócio-histórica do psiquismo humano, colocando-a como eixo central de sua investigação. Em que consiste tal idéia?

Trata-se de uma concepção, a qual advoga que a natureza e o desenvolvimento dos processos psíquicos e aptidões humanas resultam da atividade (*Tätigkeit*), no sentido marxiano do termo. Isto significa dizer que o desenvolvimento dos processos psíquicos e aptidões humanas têm sua explicação fundamental a partir do trabalho que é, em Marx, a categoria que funda o ser social.

Esta perspectiva teórica se opõe radicalmente àquelas concepções que se limitam a explicar o desenvolvimento humano a partir dos caracteres biológicos hereditários. Assim, por exemplo, a explicação dada para a falta de domínio das habilidades da leitura e da escrita, requeridas pelo processo de escolarização, é encontrada no próprio indivíduo. Neste sentido, os indivíduos já nascem com as aptidões requeridas para o seu desenvolvimento, ocorrendo, porém, que uns conseguem desenvolver mais as suas capacidades e outros menos. A explicação fundamental para isto residiria nos caracteres biológicos de cada indivíduo.

Leontiev, consoante com os pressupostos da ontologia do ser social de Marx e partindo dos estudos de Vigotski, vai contrapor-se a esta perspectiva, argumentando que “o homem é um ser de natureza **social**, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em **sociedade**, no seio da **cultura** criada pela humanidade” (LEONTIEV, 1978, p. 261 – grifos do autor).

É a partir desta perspectiva marxiana que o autor russo desenvolve uma análise da educação, concebendo-a como um processo sócio-histórico de objetivação/apropriação. Para uma maior compreensão de suas ideias

pedagógicas, é fundamental buscar as bases nas quais ele se apóia: os pressupostos ontológicos de Marx.

Tendo em vista que a análise de Leontiev acerca do desenvolvimento sócio-histórico do psiquismo humano tem como fio condutor o trabalho, constatamos a necessidade de aprofundar esta categoria, pois embora o autor dê ênfase ao seu estatuto ontológico, não há nele uma exposição mais detalhada desta categoria no seu sentido onto-filosófico.

Este trabalho encontra-se, portanto, organizado da seguinte forma: num primeiro momento, desenvolveremos a categoria do trabalho em Marx. Num segundo momento, partindo desta categoria, apresentaremos a concepção sócio-histórica de educação defendida por Leontiev.

A categoria do trabalho em Marx

Ao buscar as determinações fundamentais da categoria do trabalho em Marx, consideramos necessário começar perguntando: o que Marx entende por trabalho?

De acordo com ele, trabalho "é atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária do intercâmbio entre o homem e a natureza; é condição natural eterna da vida humana" (MARX, 1996, p. 208).

Nesta citação, duas categorias a que, de entrada, Marx faz referência, são a atividade dirigida e o valor-de-uso, ao afirmar que o trabalho é uma atividade dirigida, cujo objetivo é criar valores de uso. A partir daí, perguntamos: as palavras trabalho e atividade têm significados idênticos? O emprego delas, em Marx, não tem gerado confusões? Para precisar o uso destes termos, é necessário situar, de modo geral, estas categorias no âmbito do pensamento de Marx.

O ponto de partida para a construção de sua concepção de trabalho foi a leitura crítica da Fenomenologia do espírito de Hegel, pois nesta obra o conceito de atividade ocupa um lugar determinante.

Marx parte da afirmação de Hegel segundo a qual o trabalho é o "ato pelo qual o homem se produz a si mesmo" No terceiro Manuscrito dos Manuscritos Econômico-Filosóficos, Crítica da dialética e da filosofia de Hegel, Marx reconhece que o mérito de Hegel foi justamente ter percebido a importância do trabalho no processo de gênese e desenvolvimento do ser social.

Marx afirma, contudo, que Hegel acabou construindo um conceito abstrato, uma vez que "O único trabalho que ele [...] entende e reconhece é o trabalho **intelectual abstrato**". (MARX, 1993, p. 264 – grifo do autor). Negando esta concepção hegeliana do *trabalho* como algo puramente espiritual, Marx afirmou a atividade material (que não exclui o momento intelectual) como responsável pela autoconstrução humana.

Hegel teria acertado ao descobrir o caráter teleológico do trabalho. O problema, para Marx, é que ele fez da teleologia o motor da história, o que acabou gerando uma dificuldade: a antinomia entre causalidade e teleologia. Marx, em contrapartida, limitou a teleologia à práxis humana, ao trabalho. Nele, causalidade e teleologia não existem de maneira dissociada. Isto significa dizer, em outras palavras, que sociedade e natureza, teoria e prática, ação e pensamento, etc., coexistem de modo dialeticamente relacionado. É, pois, através da categoria do trabalho que Marx demonstra como a história humana se origina e se desenvolve, tendo como base a relação entre teleologia e causalidade.

Assim, o trabalho consiste numa atividade que só se realiza mediante a existência de uma consciência devidamente orientada.

Na citação abaixo, Marx demonstra porque a atividade conscientemente orientada é uma característica apenas do mundo dos homens:

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do

seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. (MARX, 1996, p. 202).

Nesta citação, Marx chamou a atenção para o fato de que a ação do homem é sempre dirigida por uma finalidade. Ao pôr uma finalidade, o homem, antes de executá-la, pensa nas possibilidades concretas de efetua-la, procurando identificar, no seu meio ambiente, os materiais disponíveis para a sua realização, etc.

O exemplo abaixo, retirado de Marx (1996, p. 50), é bastante ilustrativo:

Antes de surgir um alfaiate, o ser humano costurou, durante milênios, pressionado pela necessidade de vestir-se. Mas o casaco, o linho, ou qualquer componente da riqueza material que não seja dado pela natureza, tinha de originar-se de uma especial atividade produtiva, adequada a determinado fim, e que adapta certos elementos da natureza às necessidades particulares do homem.

A partir deste exemplo, Marx quer dizer que o homem encontra na natureza os meios indispensáveis para suprir suas necessidades. No entanto, a natureza não se apresenta ao homem sob a forma já adequada a este fim. Assim, ele terá que transformar aqueles meios já encontrados na natureza, de forma a adequá-los às suas necessidades.

Lukács (1981a, p. 10), no capítulo *O Trabalho*, da *Ontologia do ser social*, resgata estes dois elementos que constituem a essência da categoria trabalho em Marx: "um projeto ideal se realiza materialmente, uma finalidade pensada transforma a realidade material, insere na realidade algo de material, que no confronto com a natureza, apresenta algo de qualitativamente e radicalmente novo". O primeiro elemento é identificado como o pôr teleológico que, segundo ele: "por sua própria natureza, é uma categoria posta: todo processo teleológico implica uma finalidade e, portanto, uma consciência que estabelece um fim" (LUKÁCS, 1981a, p. 09). A teleologia consiste num ato de idealizar com antecedência a finalidade de uma ação. O segundo, por sua vez, consiste num "princípio de automovimento que repousa sobre si mesmo e mantém este caráter mesmo quando uma série causal tenha o seu ponto de partida num ato de consciência" (LUKÁCS, 1981a, p. 09). Trata-se do conceito de causalidade, que constitui os nexos causais do mundo objetivo. Em síntese,

de acordo com o autor húngaro, a teleologia e a causalidade compõem a estrutura dinâmica do trabalho, que, mesmo sendo princípios heterogêneos, possuem uma dinâmica indissociável. Pode-se dizer, a partir daí, que as formas de sociabilidade, até então conhecidas, resultam deste processo ontológico fundamental. Esta tese não é anulada pelo fato de uma sociedade atingir um grande desenvolvimento de suas forças produtivas. Ou seja, de acordo com a perspectiva marxiana, por mais que a sociedade se desenvolva em termos de avanço científico e tecnológico, tal desenvolvimento tem como base ineliminável a relação homem e natureza. Em outras palavras, para Marx, o desenvolvimento de uma sociedade não implica uma ruptura com a natureza, ao contrário, sem natureza não há possibilidade alguma de sequer o homem existir como ser físico, biológico.

Mas, voltemos aos elementos ontológicos fundamentais do trabalho, a teleologia e a causalidade. Estes dois elementos são decisivos no processo de produção. A construção de algo novo, de uma nova realidade, só pode se efetivar a partir de uma interrelação dinâmica entre estes dois elementos. Assim, temos de um lado um sujeito que põe uma finalidade, que estabelece um fim, transformando esta ideia em algo materialmente existente. Isto corresponde, na terminologia marxiana, a uma objetivação.

Nos Manuscritos Econômico-filosóficos, Marx afirma que o produto do trabalho é resultado do trabalho fixado num objeto, a *objetivação*: "O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, que se transformou em coisa física, é a **objetivação** do trabalho. A realização do trabalho constitui simultaneamente a sua objetivação" (MARX, 1993, p. 159 – grifo do autor).

Na mesma obra, Marx (1993, p. 251) afirma que "Nem a natureza objetiva, nem a natureza subjetiva se apresenta imediatamente ao ser humano numa forma adequada". Com isto ele quer dizer que o mundo dos homens, bem como o próprio homem, é resultado da sua atividade produtiva, baseada numa insuprimível relação homem-natureza.

Mas, sendo a objetivação um momento efetivo do processo de trabalho, é preciso fazer uma observação importante para não limitar a concepção de trabalho de Marx à criação daqueles *objetos* considerados como necessidades básicas do homem. Em outras palavras, para a concepção marxiana, as

necessidades humanas não se limitam apenas à reprodução biológica do indivíduo, a exemplo da produção de alimentos, vestimentas, etc. Na medida em que o homem vai satisfazendo determinadas necessidades, outras vão surgindo, o que permite a continuidade e a evolução da história humana.

Para fins de ilustração, tomemos a arte, a poesia, a literatura, a música etc, que são objetivações humanas. Constituem produtos da atividade humana, que surgiram da necessidade do homem, nos quais se expressa o desenvolvimento do gênero humano.

Neste sentido, não se pode conceber a objetivação apenas como o resultado de algo imediatamente identificado a um objeto que se produz numa relação direta entre homem e natureza (por exemplo, o processo de produção automobilística). Com isto queremos dizer que o trabalho não apresenta apenas uma dimensão, qual seja a da transformação da natureza pelo homem. Ele contém ainda outra dimensão, que é aquela na qual se dá a ação dos homens sobre outros homens. Em outras palavras, estamos nos referindo àquilo que Marx demonstrou: através do metabolismo homem/natureza, mediado pelo ato do trabalho, ocorre um processo de simultânea transformação: o homem não apenas transforma a natureza, mas ele próprio também se transforma:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeças e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais. (MARX, 1996, p. 202).

O processo de trabalho, que visa a transformação da natureza pelo homem, tem conseqüências diretas também sobre o homem. Isto porque, como explica Lukács, em *A Reprodução*, (1981b, p. lviii-lix),

Uma posição teleológica provoca sempre outras posições teleológicas, tanto que disto surgem totalidades complexas, as quais fazem com que a mediação entre homem e natureza se processe

cada vez mais extensa, e cada vez mais exclusivamente, em termos sociais.

Isto é o que possibilita à categoria do trabalho, o fundamental papel de impulsionador do desenvolvimento social.

Lukács afirma que

[...] o trabalho é capaz de suscitar no homem novas capacidades e novas necessidades, as conseqüências do trabalho vão além do quanto nele é imediata e conscientemente posto, faz nascer novas necessidades e novas capacidades de satisfazê-las, e enfim - no âmbito das possibilidades objetivas de qualquer formação determinada - na 'natureza humana' este crescimento não encontra limites traçados a priori. (1981b, p. clxxix)

Este traço específico do trabalho, ou seja, sua capacidade de superar-se a si mesmo, de produzir além do necessário, é decisivo, na ontologia do ser social, para a demonstração da possibilidade da história e do desenvolvimento das potencialidades humanas. É por esta, entre outras razões, que a categoria do trabalho é tão importante no âmbito da perspectiva marxiana.

Partindo desta concepção de trabalho é que Leontiev demonstrou o papel e os limites da educação no processo de desenvolvimento do gênero humano, conforme veremos a seguir.

Concepção de educação

A análise de Leontiev do processo educativo tem como base a ontologia marxiana do ser social, na qual a concepção de atividade (*Tätigkeit*) é determinante, conforme vimos.

É a partir desta categoria que o autor russo demonstra que a educação consiste numa determinada necessidade humana cuja origem e desenvolvimento resultam do processo de autoconstrução humana.

De acordo com esta perspectiva, o homem não nasce com as aptidões humanas desenvolvidas, ao contrário, estas são geradas pelos próprios homens na medida em que vão criando o seu mundo exterior e a si mesmos. Estas aptidões humanas, na medida em que se desenvolvem e se consolidam,

são transmitidas pelas gerações mais velhas às mais novas, constituindo um processo contínuo de educação. Trata-se de um processo que tem como uma de suas características a continuidade, pois sem esta a transmissão da cultura de uma geração para outra não seria possível. Contudo, isto não significa que este traço de continuidade seja análogo ao processo de transmissão hereditária, da forma como ocorre com os animais.

Entre os animais, o processo de “educação” já se dá ao nascer, quando as mães ensinam aos seus filhotes determinados comportamentos que eles levarão consigo ao longo de sua existência. Estes ensinamentos se repetem a cada nascimento, sem alterar os traços biológicos que determinam esta forma de aprendizagem.

No mundo dos homens, ao contrário, o processo de educação já surge com um traço qualitativamente distinto do mundo animal: sua função consiste em desenvolver as capacidades humanas, que são ilimitadas. Assim, a criança não nasce falando, andando etc, ela aprende na medida em que vai crescendo e participando do mundo social. A transmissão dos comportamentos do mundo social para a criança é muito demorada e requer um processo ininterrupto de aprendizagem. Além disso, quanto mais a sociedade vai se complexificando, mais específico vai se tornando o processo educacional, passando a requerer formas diferenciadas de educação.

Resumindo, diríamos que, para Leontiev, a distinção fundamental entre a educação dos homens e a “educação” animal está no fato de que, enquanto entre os animais ocorre um processo de adaptação biológica, cuja transformação das propriedades e faculdades remete ao próprio comportamento da espécie, nos homens se dá um processo de *assimilação* ou *apropriação*, completamente diferente. Conforme assinala Leontiev, o processo de apropriação tem como resultado a *reprodução*: “Pode-se dizer que é o processo pelo qual o homem atinge no seu desenvolvimento ontogênico o que é atingido, no animal, pela hereditariedade, isto é, a encarnação nas propriedades do indivíduo das aquisições do desenvolvimento da espécie” (LEONTIEV, 1978, p. 169).

Para Leontiev, a educação constitui um processo de apropriação, condição fundamental para que o indivíduo se humanize. Como analisa ele esta questão? O que significa o processo de apropriação?

A palavra apropriação (*Aneignung*) é comumente empregada enquanto “Ato pelo qual nos apoderamos, para dele fazer nossa propriedade individual, do que não pertence a ninguém ou a toda gente” (LALANDE, 1996, p. 82).

Leontiev, ao usar esta categoria, com base em Marx, levou-nos à constatação de que o seu emprego, em geral, ocorre de maneira unilateral, ou seja, apenas naquele sentido acima descrito. Em Marx, esta categoria é mais rica e ampla, conforme veremos.

O que é o processo de apropriação?

Como vimos no desenvolvimento da categoria do trabalho, a sociedade, tal como a conhecemos, é resultado de um processo que tem no metabolismo entre homem e natureza, entre teleologia e causalidade, a sua base fundamental. Trata-se daquela concepção do trabalho que consiste na transformação da natureza pelo homem, cujo pressuposto fundamental é a sua existência eterna, independente de qualquer tipo de sociedade, como Marx acentuou. Neste sentido, só existirá sociedade enquanto existir um sujeito que trabalhe, que transforme a natureza.

Mas o trabalho, como também já vimos, não tem apenas esta dimensão, quer dizer, não implica apenas a transformação da natureza pelo homem, não atua apenas sob os objetos naturais, transformando-os em objetos sociais. O trabalho supera a si mesmo, na medida em que possibilita a criação de um realidade cada vez mais ampla e diferente. Isto tem como consequência o surgimento de diversas formas de atividade humana que, embora se originem a partir desta base ontológica, não podem ser consideradas atividades que visam à transformação da natureza. Aqui, já se dá um momento complexo de atuação do homem, pois seu objetivo visa atuar sobre a subjetividade. Trata-se, conforme verificamos, das teleologias secundárias.

É para esta dimensão do trabalho (as teleologias secundárias) que se volta a atenção de Leontiev, pois ele está interessado em estudar a transformação do homem ou seja, as faculdades psíquicas humanas.

Afirma ele:

[...] a história da cultura material e intelectual da humanidade manifesta-se como um processo, que exprime sob uma forma exterior e objetiva, as aquisições do desenvolvimento das aptidões do gênero humano. Nesta ótica, pode considerar-se cada etapa do aperfeiçoamento dos instrumentos e utensílios, por exemplo, como exprimindo e fixando em si um certo grau de desenvolvimento das funções psicomotoras da mão humana, a complexificação da fonética das línguas como a expressão do desenvolvimento das faculdades de articulação de articulação e do ouvido verbal, o processo nas obras de arte como a manifestação do desenvolvimento estético da humanidade, etc. (LEONTIEV, 1978, p. 165).

O autor assinala que está se referindo ao desenvolvimento das capacidades psíquicas do homem e não daquelas necessariamente físicas. Diz ele: “durante o processo de trabalho o homem faz intervir um conjunto de faculdades que se gravam no produto e de que algumas são necessariamente físicas. Todavia, as forças e faculdades físicas apenas realizam sob a sua forma prática a especificidade da atividade humana do trabalho, aquilo que constitui o seu conteúdo psicológico (LEONTIEV, 1978, p. 164).

Com isto, ele chama a atenção para o fato de não considerar o processo de trabalho apenas sob o aspecto da objetivação (*Vergegenständigung*) das faculdades humanas, mas também sob o da apropriação (*Aneignung*) pelos indivíduos. (LEONTIEV, 1978, p. 166). Com isto ele quer dizer o seguinte: quando uma criança vem ao mundo, já encontra uma realidade construída por outros homens. Os objetos com que se depara trazem as características da humanidade, revelam as aquisições feitas pelos homens ao longo do seu desenvolvimento. Para fazer-se presente neste mundo, a criança precisa desde cedo ter um comportamento ativo, ou seja, aprender com o seu mundo exterior as condições necessárias para a sua sobrevivência.

Deste modo, segundo Leontiev, ao nascer, o homem não vem biologicamente dotado de aptidões humanas, ao contrário, diz ele, “as propriedades biologicamente herdadas do homem constituem apenas uma das **condições** da formação das suas funções e faculdades psíquicas, condição

que desempenha por certo um papel importante”. A outra condição, diz o autor, “é o **mundo de objetos e de fenômenos** que rodeiam o homem, criado pelo trabalho e pela luta de inumeráveis gerações humanas. É este mundo que fornece ao homem o que ele tem de verdadeiramente humano” (LEONTIEV, 1978, p. 257 – grifo do autor).

Com isto, o autor dá ênfase ao processo de apropriação, como condição fundamental para o desenvolvimento do ser social. E o que vem a ser este processo? Assim explica Leontiev (1978, p. 275): “O processo de apropriação do mundo dos objetos e dos fenômenos criados pelos homens no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade é o processo durante o qual teve lugar a formação, no indivíduo, de faculdades e de funções especificamente humanas”.

É um processo que só se dá a partir das relações sociais entre os homens, relações estas que são determinadas pelas condições de produção bem como pela forma como a sua vida se forma nestas condições materiais. “Cada indivíduo **aprende** a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (LEONTIEV, 1978, p. 267 – grifo do autor).

Para o autor, o homem é considerado o sujeito ativo no processo de apropriação. Pois para sobreviver tem que encarnar e desenvolver em si mesmo as aptidões humanas formadas ao longo da história. Neste sentido, acentua o autor que o processo de apropriação tem como característica principal a criação de novas aptidões e de novas funções psíquicas. Enquanto os animais se adaptam ao seu meio, sem que isto nunca corresponda a atos de apropriação das aquisições do desenvolvimento filogenético, nos homens, ao contrário, estas aquisições são “propostas nos fenômenos objetivos do mundo que o rodeia” (LEONTIEV, 1978, p. 167).

O autor afirma que, para o homem realizar estas aquisições, no seu próprio desenvolvimento ontogênico, “Tem que apropriar-se delas; só na seqüência deste processo – sempre ativo – é que o indivíduo fica apto para exprimir em si a verdadeira natureza humana, estas propriedades e aptidões que constituem o produto do desenvolvimento sócio-histórico do homem. O que

é só possível porque estas propriedades e aptidões adquiriram uma forma material objetiva (LEONTIEV, 1978, p 167).

Ainda segundo Leontiev (1978, p.272 – grifos do autor):

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente **dadas** aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas **postas**. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles **as suas** aptidões, 'os órgãos da sua individualidade', a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança **aprende** a atividade adequada. Pela sua função, este processo é, portanto, um processo de **educação**.

Portanto, é através da educação, que é um processo de apropriação, que o homem se desenvolve, se humaniza, se torna cada vez mais homem. Deste processo, que como já salientamos, tem um caráter de continuidade, depende, como observa o autor russo, a existência da história.

Leontiev faz, a título de exemplo, a seguinte hipótese: suponhamos que o nosso planeta seja vítima de uma enorme catástrofe, resultando na completa extinção de toda a população adulta e apenas as crianças sobrevivam. Isto não significaria o fim do gênero humano, mas a história com certeza seria interrompida e a humanidade teria que recomeçar. Por quê? Porque todas as objetivações humanas, suas aquisições, resultado de longos anos de experiências acumuladas, não estariam acumuladas geneticamente, mas teriam que ser novamente criadas.

Apesar de Leontiev atribuir tanta importância à educação, como um processo de apropriação, isto não significa que, para ele, se encontrem depositadas na educação todas as possibilidades para o desenvolvimento humano. Ainda é necessário levar em consideração um aspecto fundamental: o modo de produzir dos homens, as relações que eles estabelecem com outros, a forma de distribuição dos bens produzidos; tudo isto irá determinar o grau de desenvolvimento das capacidades humanas.

Numa sociedade de classes, a exemplo da nossa, caracterizada pela propriedade privada, o desenvolvimento das potencialidades humanas será sempre parcial e unilateral. Assim, o impedimento para o desenvolvimento das

possibilidades humanas não se explica do ponto de vista biológico, determinado por caracteres hereditários, como muitas concepções burguesas tentaram demonstrar. Ele se explica a partir do modo como os homens vivem e produzem a sua existência; a partir da própria lógica do processo social.

Leontiev (1978, p.173), baseando-se em Marx, afirma que a superação destas barreiras, que se tornam obstáculo ao desenvolvimento do gênero humano, só pode se dar com a supressão da propriedade privada e de suas relações antagônicas. Apenas numa sociedade emancipada “O homem pode enfim realizar a sua vocação, levar a cabo a tarefa essencial para que está destinado, isto é, desenvolver todas as suas potencialidades”.

Concluindo, o autor afirma:

O verdadeiro problema não está, portanto, na aptidão ou inaptidão das pessoas para se tornarem senhores das aquisições da cultura humana, fazer delas aquisições da sua personalidade e dar-lhe a sua contribuição. O fundo do problema é que cada homem, cada povo tenha a possibilidade prática de tomar o caminho de um desenvolvimento que nada entrave. Tal é o fim para o que deve tender agora a humanidade virada para o progresso. Este fim é acessível. Mas só o é em condições que permitam libertar realmente os homens do fardo da necessidade material, de suprimir a divisão mutiladora entre trabalho intelectual e trabalho físico, criar um sistema de educação que lhes assegure um desenvolvimento multilateral e harmonioso que dê a cada um a possibilidade de participar enquanto criador em todas as manifestações da vida humana. (LEONTIEV, 1978, p. 284).

Como podemos perceber, Leontiev, ao contrário daquelas perspectivas teóricas educacionais em vigor que se pautam pelas reformas e/ou ajustes da sociedade, reafirma a perspectiva marxista que busca a transformação da sociedade como condição vital para assegurar o pleno desenvolvimento humano. Apenas numa sociedade para além do capital o desenvolvimento humano poderá se manifestar em sua plenitude.

Considerações finais

Iniciamos este texto afirmando que o pensamento pedagógico de Leontiev contém elementos importantes para a formulação da pedagogia

marxiana. E isto se dá, por um lado, porque o autor russo mantém-se fiel ao pensamento de Marx ao tomar como fio condutor de sua investigação a categoria do trabalho, que é central na teoria marxiana. Por outro lado, partindo desta base ontológica, o autor analisa a educação concebendo-a como um processo sócio-histórico de apropriação.

Ao conceber a educação enquanto um processo sócio-histórico de apropriação, o autor está dando ênfase ao importante papel da educação no processo de desenvolvimento do gênero humano. Contudo, é fundamental esclarecer que o autor, ao atribuir tamanha relevância ao papel e à função da educação no processo de desenvolvimento do ser social, tem muita clareza dos limites dela. Isto porque ele entende, com base em Marx, que a educação por si só, é incapaz de desenvolver plenamente o indivíduo. Para Leontiev, o desenvolvimento pleno das capacidades humanas só poderá se efetivar numa sociedade emancipada, e para isto é necessário que se dê a total dissolução do capitalismo. É este, ao fim e ao cabo, que impõe limites insuperáveis ao total desenvolvimento do gênero humano.

Referências

BERTOLDO, Edna. *Fim de século: fim do trabalho? Novos Rumos*. São Paulo, Instituto Astrojildo Pereira, Ano 14, n. 30/1999. p. 73-85.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. Tradução de Fátima Sá Correia e outros. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LUKÁCS, G. LUKÁCS, G. Il lavoro. In: **Per una Ontologia dell'essere sociale**. Roma: Riuniti, 1981a, p. 11-131. (Tradução Mimeogr. de Ivo Tonet, 96 p.).

_____. La Riproduzione. In: **Per una Ontologia dell'essere sociale**. v. II, Roma: Riuniti, 1981b. (Tradução Mimeogr. de Sergio Lessa, ccxlvii p.).

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1993.

_____. **O capital.** Crítica da economia política. Livro 1 - o processo de produção do capital. Vol. I, Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

VYGOTSKI, L.S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 4 ed. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo, Ícone Editora, 1992.